

A CIDADE DAS ILUSÕES

URSULA K. LE GUIN

A Cidade das Ilusões

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 1967 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-078-4

Translated from original City of illusions. Copyright © 1967 by Ursula K. Le Guin. ISBN 978-0-575-00758-1. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates and Ginger Clark Literary, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

G964G

1.ed. Guin, Ursula K. Le

A cidade das ilusões / Ursula K. Le Guin ;
tradução Marcia Men. – 1.ed. – Rio de Janeiro :
Morro Branco, 2025.

256 p. ; 13,7 x 21 cm. – (Ciclo Hainish)

Título original: City of illusions.

ISBN 978-65-6099-078-4

I. Ficção científica norte-americana. I. Men,
Marcia. II. Título. III. Série.

05-2025/225

CDD 813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana
813.0876

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: Marcia Men

Copidesque: Nathalia Marques

Revisão: Ellen Andrade

Ilustração: Amanda Carla

Diagramação: Diego Santos

A CIDADE DAS ILUSÕES

URSULA K.

LE GUIN

Coleção
Ciclo Hainish

Tradução
Marcia Men



MORROBRANCO
EDITORA





CAPÍTULO 01

06

CAPÍTULO 02

33

CAPÍTULO 03

61

CAPÍTULO 04

83

CAPÍTULO 05

106

CAPÍTULO 06

130

CAPÍTULO 07

156

CAPÍTULO 08

177

CAPÍTULO 09

206

CAPÍTULO 10

233





I

Imagine a escuridão.

Na escuridão que se estende para além do sol, um espírito silencioso despertou. Totalmente envolto no caos, não conhecia padrões. Não tinha linguagem e não sabia que a escuridão era a noite.

À medida que a luz esquecida se avivava ao seu redor, ele se moveu, rastejando, correndo, às vezes sobre as quatro patas, às vezes se erguendo, mas sem chegar a lugar algum. Não havia um caminho no mundo em que estava, pois um caminho implica um começo e um fim. Tudo ao redor dele era emaranhado, tudo oferecia resistência. A confusão de sua existência era impulsionada por forças para as quais ele não tinha nome: medo, fome, sede, dor. Pela floresta sombria das coisas, ele tropeçou em silêncio, até que a noite o deteve, uma força maior. Porém, quando a luz voltou, ele seguiu Tateando. Quando emergiu subitamente na ampla luz do sol da Clareira, ele se ergueu e ficou de pé por um instante. Então cobriu os olhos com as mãos e gritou bem alto.

Tecendo em seu tear no jardim banhado de sol, Parth o viu à beira da floresta. Com um rápido impulso de sua mente, chamou os outros. Porém não temia nada e, antes que eles saíssem de casa, ela já havia atravessado a Clareira até a figura tosca que se encolhia entre as gramíneas altas e maduras. Quando se aproximaram, viram-na pousar a mão sobre o ombro dele e se inclinar, falando suavemente.

Ela se voltou para eles com um olhar de espanto, dizendo:

— Vocês estão vendo os olhos dele?

Eram olhos estranhos, sem dúvida. A pupila era grande; a íris, de um âmbar acinzentado, tinha um formato ovalado longitudinalmente, de modo que o branco dos olhos não aparecia.

— Como os de um gato — comentou Garra.

— Como um ovo que é só gema — disse Kai, dando voz ao leve desconforto causado por aquela diferença pequena, porém essencial.

Fora isso, o estranho parecia apenas um homem, sob o barro, os arranhões e a sujeira que cobriam seu rosto e corpo nu, marcas de sua luta sem rumo através da floresta. No máximo, era um pouco mais claro de pele do que o povo de tez escura que agora o cercava, discutindo a seu respeito em voz baixa, enquanto ele se encolhia sob a luz do sol, tremendo de exaustão e medo.

Embora Parth olhasse diretamente em seus olhos estranhos, não encontrou neles nenhum traço de reconhecimento humano. Ele era surdo à língua deles e não compreendia seus gestos.

— Irracional ou fora de si — disse Zove. — Mas faminto também; isso podemos resolver.

Ao ouvir isso, Kai e o jovem Thurro meio guiaram, meio arrastaram o homem trôpego para dentro da casa. Lá, junto com Parth e Buckeye, conseguiram alimentá-lo, limpá-lo e colocá-lo sobre um catre, com uma dose de droga do sono para mantê-lo ali.

— Ele é um shing? — perguntou Parth ao pai.

— Você é? Eu sou? Não seja ingênua, minha querida — respondeu Zove. — Se eu pudesse responder a essa pergunta, poderia libertar a Terra. Mas, por ora, espero descobrir se ele é louco, são ou um imbecil, de onde veio e como conseguiu esses olhos amarelos. Será que os humanos, em sua velhice degenerada, começaram a cruzar com gatos e falcões? Peça a Kretyan para vir até os alpendres-dormitórios, filha.

Parth seguiu sua prima cega, Kretyan, escada acima, até a sacada sombreada e ventilada onde o estranho dormia. Zove e sua irmã Karell, chamada Buckeye, já os aguardavam lá. Ambos estavam sentados de pernas cruzadas e costas eretas, Buckeye brincando com sua moldura de padrões, Zove sem fazer nada: um irmão e uma irmã já envelhecendo, seus rostos largos e escuros atentos e muito serenos. As jovens se sentaram perto deles sem romper o silêncio confortável. Parth tinha a pele de um tom castanho-avermelhado e uma longa cascata de cabelos pretos e brilhantes. Vestia apenas um par de calças prateadas soltas. Kretyan, um pouco mais velha, era escura e frágil; uma faixa vermelha cobria seus olhos vazios e

prendia seus cabelos espessos para trás. Como a mãe, usava uma túnica de tecido estampado delicadamente urdido. Fazia calor. A tarde de pleno verão ardia sobre os jardins abaixo da sacada e sobre os campos ondulantes da Clareira. Por todos os lados, tão perto daquela ala da casa a ponto de lançar sombras com galhos cheios de folhas e asas, e tão longe em outras direções a ponto de se dissolver em um azul esmaecido pela distância, a floresta os cercava.

Os quatro ficaram sentados por um longo período, juntos e, ao mesmo tempo, separados, sem palavras, mas conectados.

— A conta de âmbar fica escapando para o padrão Vastidão — disse Buckeye com um sorriso, pousando a moldura com seus fios cruzados cheios de pedras preciosas.

— Todas as suas contas acabam na Vastidão — disse seu irmão. — Um efeito do seu misticismo reprimido. Você vai acabar como a nossa mãe, pode apostar, capaz de ver padrões em uma moldura vazia.

— Reprimido o escambau — retrucou Buckeye. — Nunca reprimi nada na minha vida.

— Kretyan — disse Zove —, as pálpebras do homem se movem. Ele pode estar em um ciclo de sonhos.

A garota cega se aproximou do catre. Estendeu a mão, e Zove a guiou suavemente até a testa do estranho. Ficaram todos em silêncio novamente. Todos prestando atenção. Mas somente Kretyan podia ouvir.

Por fim, ela ergueu a cabeça inclinada e cega.

— Nada — disse, a voz um pouco tensa.

— Nada?

— Um caos... um vazio. Ele não tem mente.

— Kretyan, deixe-me descrever a aparência dele. Seus pés caminharam, suas mãos trabalharam. O sono e a droga relaxam seu rosto, mas apenas uma mente pensante poderia usar e moldar um rosto nessas marcas de expressão.

— E como ele era quando estava acordado?

— Parecia assustado — respondeu Parth. — Assustado e confuso.

— Talvez seja um alienígena — disse Zove. — Não um terrano, embora como seria possível... Mas ele pode pensar de forma diferente da nossa. Tente mais uma vez, enquanto ele ainda sonha.

— Vou tentar, tio. Mas não sinto nenhuma mente, nenhuma verdadeira emoção ou direção. A mente de um bebê é assustadora, mas isso... é pior. Trevas e um tipo de caos vazio...

— Então mantenha distância — disse Zove com tranquilidade. — A não mente é um lugar ruim para uma mente ficar.

— A escuridão dele é pior que a minha — disse a garota. — Isto é um anel, na mão dele...

Ela havia pousado a mão sobre a do homem por um instante, num gesto de compaixão ou como se pedisse desculpas ao inconsciente dele por invadir seus sonhos.

— Sim, um anel de ouro, sem marcas ou ornamentos. Era tudo o que tinha no corpo. E sua mente tão despojada quanto sua carne. Então essa pobre criatura nos chega vinda da floresta... enviada por quem?

Naquela noite, toda a família da Casa de Zove, exceto as crianças pequenas, reuniu-se no grande salão do andar inferior, onde as janelas altas permaneciam abertas para

o ar úmido da noite. A luz das estrelas, a presença das árvores e o som do riacho invadiam o cômodo fracamente iluminado, de modo que, entre cada pessoa e a próxima, e entre as palavras ditas, havia um certo espaço para sombras, vento noturno e silêncio.

— A verdade, como sempre, evita o estranho — disse o Mestre da Casa em sua voz grave. — Este estranho nos traz uma escolha entre várias improbabilidades. Ele pode ser um idiota de nascença, que chegou aqui por acaso; mas, então, quem o perdeu? Pode ser um homem cujo cérebro foi danificado por um acidente, ou manipulado intencionalmente. Ou pode ser um shing escondendo sua mente por trás de uma aparente amênia. Ou pode não ser nem homem nem shing; mas, então, o que ele é? Não há prova ou refutação para nenhuma dessas ideias. O que faremos com ele?

— Ver se ele pode ser ensinado — sugeriu Rossa, a esposa de Zove.

Metock, o filho mais velho do Mestre, falou:

— Se ele puder ser ensinado, então deve-se desconfiar dele. Ele pode ter sido enviado aqui para aprender nossos costumes, ideias, segredos. O gato criado pelos ratos bondosos.

— Eu não sou um rato bondoso, meu filho — disse o Mestre. — Então você acha que ele é um shing?

— Ou um instrumento deles.

— Somos todos instrumentos dos shing. O que você faria com ele?

— Eu o mataria antes que ele acorde.

O vento soprou suavemente, e um bacurau chamou na clareira úmida e iluminada pelas estrelas.

— Eu me pergunto — disse a Mais Velha Anciã — se ele pode ser uma vítima, e não um instrumento. Talvez os shing tenham destruído sua mente como punição por algo que ele fez ou pensou. Devemos, então, terminar sua punição?

— Seria uma misericórdia mais verdadeira — disse Metock.

— A morte é uma falsa misericórdia — disse a Mais Velha Anciã com amargura.

E assim eles discutiram o assunto por algum tempo, de maneira equilibrada, mas com uma seriedade que incluía tanto preocupação moral quanto um cuidado mais profundo e ansioso, nunca declarado, mas apenas insinuado sempre que um deles pronunciava a palavra shing. Parth não participou da discussão, pois tinha apenas quinze anos, mas ouvia atentamente. Ela estava conectada ao estranho pela compaixão e queria que ele vivesse.

Ranya e Kretyan se juntaram ao grupo; Ranya realizara alguns testes fisiológicos no estranho, com Kretyan de prontidão para captar qualquer resposta mental. Elas tinham pouco a relatar até então, além de que o sistema nervoso do estranho e as áreas sensoriais e motoras básicas de seu cérebro pareciam normais, embora suas respostas físicas e sua coordenação motora fossem comparáveis às de uma criança de um ano, talvez, e nenhum estímulo nas áreas da fala havia provocado qualquer resposta.

— A força de um homem, a coordenação de um bebê, a mente vazia — disse Ranya.

— Se não o matarmos como uma fera selvagem — começou Buckeye —, então teremos que domesticá-lo como uma fera selvagem...

— Parece que vale a pena tentar — falou Kai, o irmão mais novo de Kretyan. — Deixe que alguns de nós, os mais jovens, cuidemos dele; veremos o que podemos fazer. Afinal, não precisamos lhe ensinar os Cânones Internos logo de cara. Pelo menos, ensiná-lo a não molhar a cama vem primeiro... Quero saber se ele é humano. Você acha que ele é, Mestre?

— Quem sabe? — disse Zove, espalmando suas mãos grandes. — Os exames de sangue de Ranya podem nos dizer. Nunca ouvi falar de um shing com olhos amarelos ou qualquer diferença visível em relação aos terranos. Mas, se ele não é shing nem humano, o que ele é? Nenhum ser dos Outros Mundos, que um dia foram conhecidos, pisou na Terra em mil e duzentos anos. Assim como você, Kai, acho que eu arriscaria sua presença aqui entre nós por pura curiosidade...

E assim, eles permitiram que o hóspede vivesse.

No início, ele deu pouco trabalho aos jovens que cuidavam dele. Recuperou as forças lentamente, dormindo muito, sentado ou deitado quieto na maior parte do tempo em que estava acordado. Parth o chamou de Falk, que no dialeto da Floresta Oriental significava “amarelo”, por causa de sua pele pálida e olhos opalinos.

Uma manhã, vários dias após sua chegada, ao alcançar um trecho sem padrão no tecido que estava tecendo, ela deixou seu tear movido a energia solar funcionando sozinho no jardim e subiu até a sacada telada onde “Falk”

era mantido. Ele não a viu entrar. Estava sentado em seu catre, olhando fixamente para o céu de verão, embaçado pela névoa. O clarão fazia seus olhos lacrimejarem, e ele os esfregou vigorosamente com a mão. Então, ao ver a própria mão, ele a observou com atenção, o dorso e a palma. Abriu e fechou os dedos, franzindo a testa. Em seguida, levantou o rosto de novo para o clarão branco do sol e, lentamente, com hesitação, estendeu a mão aberta em sua direção.

— Isso é o sol, Falk — disse Parth. — Sol...

— Sol — repetiu ele, fitando-o, concentrado, o vazio e a vacuidade de seu ser preenchidos pela luz do sol e o som de seu nome.

E assim, sua educação começou.



Parth subiu dos porões e, passando pela Cozinha Velha, viu Falk encolhido em uma das janelas salientes, sozinho, observando a neve cair do lado de fora do vidro sujo. Já fazia dez dias desde que ele havia agredido Rossa, e tiveram que trancá-lo até que ele se acalmasse. Desde então, ele se mantinha sisudo e se recusava a falar. Era estranho ver seu rosto de homem embotado pelo sofrimento teimoso e birrento de uma criança.

— Venha para perto do fogo, Falk — chamou Parth, mas não parou para esperar por ele. No grande salão, perto do fogo, ela esperou um pouco, mas depois desistiu e procurou algo para levantar seu próprio ânimo.

Não havia nada para fazer; a neve caía, todos os rostos eram demasiadamente familiares, todos os livros falavam